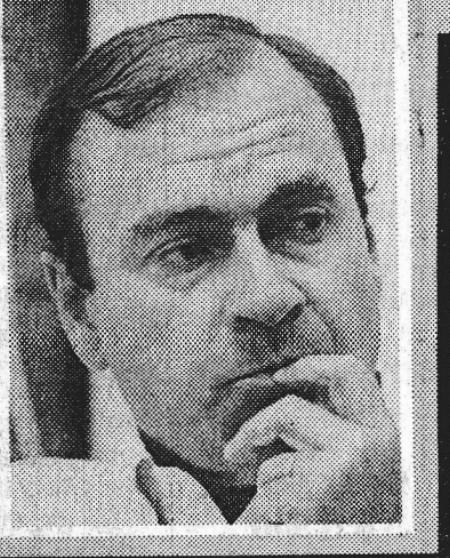


■ César Maia

## Vamos organizar um núcleo de social-democratas no Congresso para ajustar o plano de reconstrução



Imaginar que um governo, durante o seu primeiro ano, pudesse ter amarrado idéias doutrinárias, ter metas e objetivo claros, não tinha qualquer sentido. Era um otimismo deslavado. No primeiro ano, o governo começou a operar idéias difusas, porém apontando na direção certa. Ele experimentou sua parte mais dinâmica, que é a equipe econômica, que não possuía qualquer experiência anterior. O governo Collor começa agora. O primeiro ano foi de transição para que o governo conhecesse os políticos, o Congresso, e testasse as suas idéias.

A equipe econômica sonhava com a inflação inercial. Acreditava que, cortada a gordura, a inflação cairia para um nível adequado. Hoje, já se sabe que isso não é possível. A inflação brasileira terá que vir para um patamar que dê tempo para que poderosos setores da sociedade se ajustem. Um exemplo é o mercado financeiro. Se a inflação chegassem ao nível de 3%, quebrava quase todo o mercado financeiro. Sobrariam apenas o Citibank, o Banco Safra, o Banco Francês e Brasileiro e o Bradesco, mesmo assim se não houvesse problemas com a caderneta de poupança. Nem o Banco do Brasil sobreviveria.

Essa é a situação que vive o país. A inflação é funcional para o sistema financeiro e o governo. Então, já se aprendeu que vamos ter de operar, durante algum tempo, com uma inflação entre 5% e 10%. Outra questão aprendida é de que não há como construir um entendimento, um consenso a partir dessa política que está aí. Temos, de um lado, uma esquerda conservadora, que sequer

admite a legitimidade do governo. E de outro lado, os conservadores de esquerda que não admitem, por exemplo, a privatização.

Não é possível pensar que vamos desenhar um programa de reconstrução a partir da negociação da sociedade. Isso não existe num regime democrático. Esse é o programa do governo e é esse programa que vale. O que nos cabe é entrar nesse programa de governo para ajustar sua latitude e reduzir sua extensão. Podemos vetar algumas partes e deixar que outras tramitem. Esse é o programa do governo legitimamente construído e, portanto, vai ser implementado. Em que profundidade? Isso é que vamos discutir.

Nenhum manual de política prevê que as decisões devem ser tomadas por unanimidade. Consenso é o estabelecimento de uma maioria sustentada. Parte-se em busca da unanimidade, com todos sentados à mesa. No meio do caminho saem os conservadores de direita e os conservadores de esquerda. Portanto, será necessário construir um grupo de social-democratas, de vários partidos, o que estamos fazendo no momento, para estabelecer uma maioria estável de 60% do Congresso. Provavelmente na semana que vem, vamos dar o pontapé inicial na formação desse núcleo.

O Brasil precisa de reformas liberais profundas. E só os socialdemocratas podem realizar essas reformas num país com as nossas características. Os liberais não têm base política de representação porque não têm referência social. Essa lição nos vem de Felipe Gonzalez.